

A permuta digital como jogo: compartilhar fotos da natureza no Flickr¹

Tânia Alves

Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais²

tania.alves@ics.ulisboa.pt

José Luís Garcia

Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais

jlgarcia@ics.ulisboa.pt

Resumo: Este artigo investiga um coletivo de amadores que fotografa e publica fotografias da natureza na rede de armazenamento e partilha Flickr. Argumentamos que estes fotógrafos amadores constituem na rede um grupo de pares que partilham uma ocupação semelhante e que, no curso da sua atividade, descobrem uma visão comum que guia o seu desempenho. Exploramos ainda a hipótese de esses flickerianos se constituírem no quadro de uma dinâmica que pode ser pensada como tendo no seu âmago um elemento lúdico, de jogo. Trata-se de um jogo sério, que se desenvolve como uma experiência de troca livre, a qual oferece um contexto social favorável à descoberta de talentos, ao surgimento da responsabilidade ecológica e à abertura hospitaleira concretizada na partilha de imagens, de comentários e *tags*. A colaboração entre os flickerianos, baseada numa permuta horizontal e generosa, faz com que aquela esfera do Flickr se converta em algo como um grande arquivo natural, onde a fotografia condensa em si informação, um registo de conhecimento amador e um lúdico visual.

Palavras-Chave: amador; colecionismo digital; fotografia; jogo; troca digital.

1. Submetido a 9 de Fevereiro de 2014 e aprovado a 15 de Abril de 2014.

2. Avenida Professor Aníbal Bettencourt 9, 1600-189 Lisboa, Portugal.

Abstract: This paper results from the study of a collective of amateurs that photograph and publish nature photographs on Flickr, a social network for photo storage and sharing. We argue that these amateurs form a group of peers who share a similar occupation and who, in the course of their activity, discover common interests that guide their performance. Our hypothesis is that activities undertaken by these amateurs can be thought within a dynamic that has a playful element at its core, so that it can be seen as a game. This is a serious game, one which is developed as an experience of contribution; it offers a social environment favorable to the discovery of talents, the emergence of ecological responsibility and to an hospitable openness embodied in the exchange of images, comments and tags. Collaboration among amateurs of Flickr, based on a fraternal and relational practice of gift, makes it possible for Flickr to become a great natural archive, where the photograph itself condenses information, a quality of amateur knowledge and a visual playfulness element.

Keywords: amateur; digital collecting; photography; play; digital exchange.

NESTE artigo, observamos um coletivo de internautas que fotografam e publicam fotografias da natureza, em particular, de aves em estado selvagem, no Flickr, uma rede fundada pela empresa canadiana Ludicorp em 2002 e adquirida em 2005 pelo Yahoo. O Flickr permite armazenar, procurar e partilhar fotografias numa página pessoal, adicionar-lhes comentários, notas, *tags*, classificá-las como favoritas. Além de combinar as funções de um arquivo digital, com algumas funcionalidades de tratamento de imagens, o Flickr desenvolveu uma importante componente social, permitindo manter uma rede de contactos, formar e gerir grupos.



Figura 1. Página de Apresentação do Flickr. Fonte: Flickr.

A escolha deste objeto de estudo deve-se ao facto de o mundo natural e a ecologia surgirem como áreas de conhecimento e problemas cada vez mais relevantes. A observação incide nesse círculo de flickerianos, como se designam a si próprios, atendendo ao registo de conhecimento de que são detentores no exercício da fotografia da natureza, procurando averiguar o que resulta do modo de estar-com-outros, do empenhamento e da produção conjunta na rede Flickr. Sob a combinação metodológica da etnografia virtual e de entrevistas *online*³, analisamos as novas experiências de partilha de conteúdos que se desenvolvem entre os membros da rede com afinidades nas competências, nos gostos e na identificação com os valores de preservação da natureza.

Producers, amadores da fotografia e da natureza

O Flickr é composto por sujeitos que têm em comum o lidarem com a fotografia. Originários de todos os cantos do mundo, estes fotógrafos revelam grandes amplitudes geracionais e têm ocupações profissionais muito distintas. Alguns são fotógrafos profissionais, embora este grupo seja pouco numeroso. Em grande parte, a fotografia é uma atividade realizada a par de uma outra profissão. Um flickeriano entrevistado refere que “Ter a máquina fotográfica na mão faz-me ver o mundo com outros olhos e isso é, de certa forma, libertador”. Fotografam por amor à fotografia. O Flickr pode, de forma muito sumária, ser anunciado como um site utilizado por amadores da fotografia digital. O termo “amador” deriva do latim *amare* – amar. A raiz da palavra revela-nos de imediato a substância do

3. A abordagem metodológica seguida, que tem sido denominada de “etnografia virtual” (Miller e Slater, 2000; Hine, 2001), implicou primeiramente o registo no Flickr e um posterior processo de observação periódica da rede com vista a documentar o seu funcionamento e a tomar conhecimento de comportamentos e interações entre os flickerianos que publicam fotografias do mundo natural. Entrevistámos ainda 45 internautas que partilham na rede fotografias de espécies animais, incidindo sobretudo nas aves, alguns deles detentores de uma conta “pró”, outros de uma conta “não pró”, de modo a garantir alguma diversidade na composição deste estudo todos eles. As entrevistas foram aplicadas online, via e-mail da plataforma, o FlickrMail, ou para um endereço eletrónico disponibilizado na página de apresentação de cada membro inquirido, e foram compostas por questões abertas, criteriosamente selecionadas para ir ao encontro dos objetivos, dos conceitos e das dimensões visados nesta investigação.

amadorismo: ser amador é fazer algo por amor. O amador é aquele que aprecia e realiza, é o conhecedor e o artesão. Mas o amador do Flickr não se limita a fotografar. Ele dedica também várias horas semanais a selecionar e a editar as suas fotografias para depois as partilhar com os restantes membros da rede.

A história imagética partilhada pelos flickerianos que neste estudo observámos conta-nos a existência de um vasto contingente de internautas aficionados da Natureza, que publicam uma profusão de fotografias de espécies selvagens no Flickr.

Foto de Décio Gonçalves



Foto de Rosa Gambóias



Foto de Alessandro

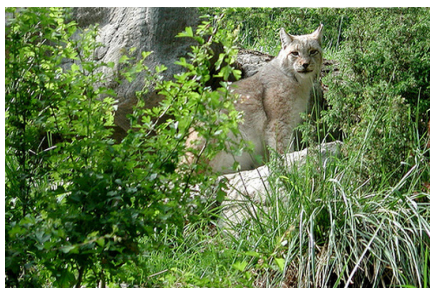


Foto de Cristiano Guimarães



Foto de Joaquim Antunes



Foto de Sérgio Cedraz



Foto de Sérgio Cedraz



Foto de Tânia Araújo



Figura 2. Espécies animais fotografadas e partilhadas por flickerianos. Fonte: Flickr.

Embora encontremos na rede alguns biólogos profissionais e estudantes de biologia, detentores de um conhecimento codificado, a grande maioria dos membros do Flickr estudados tem uma ocupação que não se cruza com as ciências biológicas. Ainda assim, estão impulsionados por uma curiosidade acerca do mundo natural. Aos seus olhos, a natureza subsiste enquanto reserva de ternura, sensualidade e beleza, dotada de vida e complexidade. Fotografam guiados pela imaginação e por um envolvimento passional pela natureza. O flickeriano que fotografa e torna públicas as suas fotografias de animais é, além de um amador da fotografia, um amador da Natureza.

O Flickr é descrito pelos seus membros como um “lugar de reunião” onde se pode admirar e aprender com a produção dos outros inscritos que aí colocam as suas fotos. A rede funciona do seguinte modo: um flickeriano publica algumas das suas fotos na rede, e um outro sente-se estimulado a partilhar também parte das suas. Quanto mais conteúdo é distribuído na rede, mais esta tende a tornar-se atrativa, induzindo outros indivíduos a aderirem à plataforma e a publicitarem os seus conteúdos. Cada flickeriano é produtor para outros, e também recetor de outros, uma figura liminar que tem sido designada de *producer* (Bruns, 2008). Ele coloca o seu espólio fotográfico à vista de todos, animado pelo signo da partilha, como evidencia a seguinte resposta de um flickeriano entrevistado: “Que graça há em tirar as fotos e guardá-las? Tudo o que é bom, tudo o que é bonito e saudável deve ser partilhado”. Trata-se de uma doação que é feita ao conjunto dos membros da rede, conhecidos ou desconhecidos, e que não supõe um dever ou uma devolução.

Os flickerianos partilham fotos, comentários, *tags*, legendas... que acrescentam informação por vezes substancial à fotografia. A sociabilidade no Flickr pode, pois, filiar-se na axiomática da troca livre e da dádiva. Vislumbra-se aí uma dinâmica partilhada de troca que torna cada flickeriano mais abonado na altura em que oferece aquilo que colheu até àquele momento, e algo como uma “equipa” toma forma. Da troca nasce uma nova realidade: os amadores estão a criar coletivamente um compêndio aberto, cumulativo e combinado, uma grande coleção do mundo natural. O espírito colecionista que perpassa esta esfera do Flickr, a tendência de, num só sítio digital, reconstituir o universo natural, será tanto mais viável quanto maior for a virtude e a generosidade (Shirky, 2010) de cada internauta para doar, partilhar e cooperar com os outros. É nesta dinâmica que a realidade do Flickr como entidade cultural acontece.

É certo que os objetivos dos flickerianos não deixam de ter um cunho pessoal, já que ao dar a ver as suas fotografias e ao ver as fotografias dos outros, ao comentá-las, tagá-las e elegê-las como favoritas, o flickeriano maximiza a exposição do seu trabalho e decerto nutre a expectativa tácita de ver as suas próprias fotos igualmente distinguidas pelo maior número possível. Os flickerianos olham, mas também querem ser olhados. Ao mostrarem-se, procuram cativar a atenção dos pares, um impulso que é clarificado nas seguintes palavras de um entrevistado:

“Dá-me prazer quando percebo que alguém gosta das minhas fotos. É como um músico no palco: os aplausos sabem-nos bem e preenchem o ego”. Se assim for, se o “eu” que olha é simultaneamente o “eu” que anseia ser olhado, então poder-se-á inferir que é também do olhar do outro que o flickeriano se quer assegurar.

O altruísmo e a benevolência inerentes à dádiva não devem, portanto, conduzir à sua explicação unilateral. Ao invés, a dádiva assenta numa lógica de interpermutação, onde ao mesmo tempo sobressai a idiosincrasia de cada um e a complementaridade do existir num coletivo. Oferecer as fotos aos outros é, indubitavelmente, um ato de dádiva, mas esse gesto provoca também uma certa expectativa de reciprocidade. E a dádiva não se dá nunca num terreno completamente simétrico, nem garante por si só a ausência de injustiça. É por isso que a troca pode originar ora o amor e a amizade ora a rivalidade e o ressentimento, pela desigualdade em que ela se pode processar ou pela eventual quebra da sistematicidade que caracteriza a dádiva. Há algo de agonístico na dádiva (Marques, 2002), uma competição de generosidade, despertada pelo desejo de ser aquele que tira mais e melhores fotos, o que recolhe mais comentários e vê as suas fotos eleitas como favoritas pelo maior número de flickerianos. Com certeza, a inimizade, a dívida, fazem também parte do sistema complexo da dádiva. E é essa assimetria, evidentemente presente no Flickr, que pode ser relativamente superada pela reciprocidade (Gouldner, 2008: 46-68). Nasce assim na rede uma espécie de aliança, uma analogia fecunda, ou, pelo menos, uma coextensidade (Caillé, 2002), pois o que é disponibilizado por cada flickeriano dado torna-se visivelmente valioso para o grupo, e a motivação social de pertencer ao coletivo funciona como incentivo e como reforço de cada um. Há no Flickr um certo deleite associado à criação de um bem comum e à construção de afinidades eletivas entre os membros da rede, indissociável de um envolvimento em que recursos técnicos acessíveis, ações voluntárias, capacidades singulares, rivalidades entre pares e sucessos coletivos se entrecruzam, fazendo irromper uma associação entre iguais, uma *societas aequalis* mediada tecnologicamente.

Compartilhar na rede Flickr

A atividade fotográfica e reticular dos membros do Flickr pode ser interpretada como uma prática que a literatura designa com as noções de “cooperação”, “colaboração”, “contribuição”, “dom-troca”⁴. Beraud e Cormerais definem a colaboração como “o conjunto da participação de contribuidores que investem livremente numa atividade e que aceitam cooperar e difundir os seus conhecimentos sem esperar uma recompensa sob a forma de um equivalente monetário” (2011: 164). Esta definição adequa-se ao repertório de experiências levadas a cabo pelos flickerianos: trata-se de uma atividade que não é guiada por uma mentalidade comercial e de negócio, mas sim de partilha. Como retribuição pelo seu investimento, pelo tempo e esforço dedicados, os membros do Flickr alcançam reconhecimento e gratificações. Além do gosto em fotografar, outras recompensas simbólicas significativas são experimentadas, sobretudo a ligação vivida na rede. Integrar a rede Flickr possibilita uma sensação de auto-realização, conhecer outros fotógrafos, tomar parte dos assuntos do grupo a que se pertence e, por vezes, encontrar um âmbito de receção, que vê e, eventualmente, comenta as suas fotografias.

O ato de fotografar situa-se, como tal, fora do domínio das necessidades mais básicas. Quando os flickerianos fotografam as espécies selvagens, eles não estão a responder a nenhuma necessidade elementar. Nem se trata propriamente de uma tarefa. Este ato ocioso, no sentido de Veblen (1899), de trabalho improdutivo e sem caráter compensatório fiduciário, encontra-se desligado das exigências da vida corrente, e move-se fora dos constrangimentos da mera racionalidade instrumental, estratégica. Fora da lógica da ação prática ou da esfera utilitarista, individualista e economicista. Os flickerianos fotografam porque esta é uma experiência ritual que os absorve, os cativa e os seduz. Ela oferece ainda um contexto social favorável à afirmação de sociabilidades específicas, que têm no simbolismo da imagem o principal cimento agregador, à formação e modelação

4. Usamos aqui os termos “colaboração”, “cooperação” e “contribuição” como próximos, embora não se ignore uma tendência para a sua diferenciação por certos teóricos. Sobre estes conceitos, ver, entre outros autores, Flichy, 2004; Surowiecki, 2005; Tapscott e Williams, 2007; Bruns, 2008; Stiegler, Giffard e Fauré, 2009; Gulbrandsen e Just, 2011; Proulx, 2011; Spadaro, 2012.

de um *self* e ao desenvolvimento de um agir comum, que potencia a existência de algo como um compêndio de ecologia animal na rede Flickr. Cada fotógrafo amador publica as suas fotos na rede, empenhando-se em reunir séries de imagens que fazem despontar no Flickr uma vasta ilustração do mundo natural.

Também atualmente, a produção de conteúdos no Flickr está sob a alçada de uma constelação de amadores que partilham as suas obras, os seus saberes, e que reforçam o trabalho coletivo num sistema ordenado que Benkler (2006) denomina *peer production*. Após a publicação das fotografias na rede, a classificação das espécies fotografadas por estes flickerianos amadores encontra-se sustentada quer no processo de observação *in situ*, quer nas situações em que não conseguem identificar as aves pela observação direta, num trabalho que requer estudo, por vezes exaustivo, que passa pela consulta de vários guias e livros, pela frequência de *sites* e de fóruns da especialidade, e ainda pelo recurso ao Flickr, deixando um pedido de ajuda aos outros membros da rede. Com efeito, a rede propõe, além da partilha de um conjunto de fotos, o desenvolvimento de uma plataforma de discussão, constituindo, ao mesmo tempo, um dispositivo de avaliação recíproca e de entreajuda e uma galeria temática onde se partilham conhecimentos sobre as espécies animais fotografadas.

Esta partilha constitui não só um contributo no interior do coletivo Flickr, mas torna também acessível uma pluralidade de espécies a simples visitantes da rede, meros curiosos ou ainda a cientistas que pretendem ver, sentir ou estudar as origens do seu património natural. Recorde-se, a este propósito, a história de Shaun Winterton, um entomologista que descobriu, totalmente por acaso, uma nova espécie de inseto enquanto observava fotos no Flickr. Após a descoberta do inseto, Winterton entrou em contato com o respetivo fotógrafo, Guek Hong Ping, e, um ano depois de as imagens terem sido registadas na Malásia, ambos levaram a cabo uma expedição na mesma área para encontrar um exemplar, que o Museu de História Natural de Londres confirmaria ser de uma espécie inédita, batizada de *semachrysa jade* ⁵.

5. Sobre este insecto ver notícia no DN edição online (13.08.2012) e no Público online (14.08.2012).

Os flickerianos desenvolvem estas práticas amadoras colaborativas instigados por valores como a participação, a criatividade e o coletivismo, assente na relação a um grupo, no qual investem tempo, energia e conhecimento (Leadbeater, 2009; Tapscott e Williams, 2007). Esta contribuição é também potenciada pela nova forma de organização coletiva que as estruturas da Web 2.0 permitem. O aumento de práticas de *tagging* pode ser visto como a melhor ilustração desta tendência. Em vez de uma classificação bem definida, vertical e centralizada, os flickerianos desenvolvem *tags* pessoais como uma nova forma de organizar informação, que consiste num compromisso entre a apresentação pessoal e a produção coletiva de taxonomias. Através de marcas de indexação, como as *tags*, que os flickerianos podem acrescentar não só nas suas fotografias como também nas de outros membros, os fotógrafos naturalistas do Flickr organizam as suas produções, adicionam metadados ao conteúdo e providenciam uma descrição semântica mais rica da foto, por vezes com informação adicional contextual, e que pode facilitar um melhor acesso às coleções de fotos. Os flickerianos desenvolvem desta forma processos de descrição, comparação e classificação e fazem circular uma grande quantidade de informação sobre o mundo natural.

Além das *tags*, são igualmente de salientar os comentários permutados entre flickerianos. Os comentários, regra geral, não acrescentam na maioria dos casos informação aprofundada que possa alargar o nível de saber do grupo; diferentemente, eles tendem a ser essencialmente elogiosos, pelo que podemos falar de um modo de troca ou contribuição benevolentes. As trocas fazem-se na grande generalidade dos casos sob a forma de civilidade polida e afável, onde a maioria se limita a agradecer um novo *post* e a elogiar uma qualquer fotografia, seja pelas qualidades estéticas, seja pelo valor insólito das espécies animais captadas pelo aparelho fotográfico. Eventualmente, colocam-se questões sobre o lugar onde a foto foi tirada, e sobre a máquina utilizada para o efeito; outras vezes ainda, colocam-se *links* para as suas próprias fotografias de conteúdo similar, sem que se desenvolva um espaço conversacional mais demorado.

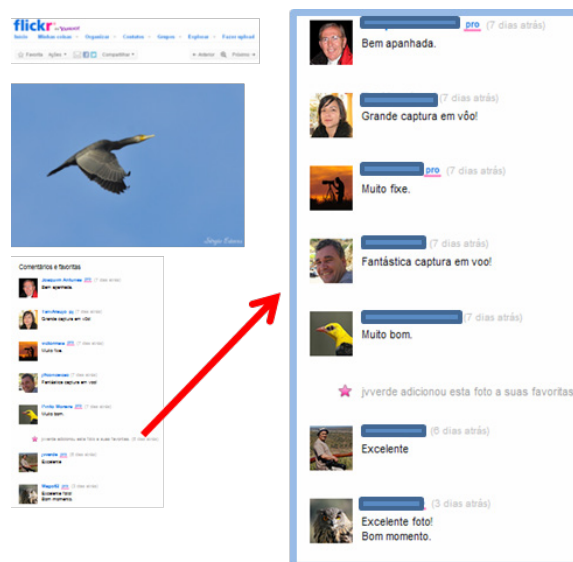


Figura 3 - Comentários elogiosos trocados entre membros do Flickr.
Fonte:Flickr.

No entanto, distinguem-se alguns comentários que contêm informação relevante e que permitem inclusive retificar incorreções, nomeadamente na classificação de espécies fotografadas. Ainda assim, a observação do Flickr permitiu concluir que a forma mais importante de contribuição se encontra na própria publicação da fotografia, e por vezes, nalgumas descrições que lhe são acrescentadas como legenda. Através do conjunto de modalidades de troca horizontal que se desenvolvem na rede, os flickerianos demonstram uma disposição para se envolverem num processo de produção de conhecimento, que se caracteriza por ser coletivo, social, transdisciplinar, e por remeter para uma forma organizacional descentralizada (a respeito deste tipo de “ciência artesanal”, ver o artigo de Millerand e Heaton neste número especial).



Figura 4 - Comentários colaborativos na classificação de uma espécie fotografada. Fonte: Flickr.

Aparentemente, a cooperação entre os flickerianos, embora sem a fisicidade, poderia classificar-se de forte, pelo facto de a sociabilidade comum e de um conjunto de papéis e de modalidades de troca definidas darem aos indivíduos a sensação de que são parte de um coletivo e de que partilham uma visão comum. A notoriedade dos serviços da Web 2.0 mostra, porém, que na maioria dos casos, o potencial de atividades cooperativas aparece *ex post* aos indivíduos, razão pela qual Aguiton e Cardon (2007) descrevem esta contribuição sob o rótulo de “cooperação fraca”. A cooperação fraca não se encontra, no entanto, desprovida de pontos fortes. A força da cooperação fraca resulta da particularidade de não ser necessário que os indivíduos tenham um plano de ação de cooperação ou uma intenção altruísta *ex ante*. Eles descobrem oportunidades de cooperação simplesmente ao tornarem pública a sua produção própria. Contudo, a cooperação fraca requer a mobilização de laços fracos e expande o número desses laços. A expressão “laço fraco” designa o laço de pertença que se constitui entre os membros de um coletivo de utilizadores de uma rede que partilham gostos,

valores, interesses, ou objetivos comuns. Os grupos que se formam no mundo digital são sobretudo coletividades de interesse.

Fosso contributivo e visibilidade como recurso

Uma vez apresentado em que consistem as relações de permuta e quais as suas modalidades na rede Flickr, há alguns pressupostos implicados nessa dinâmica que julgamos terem de ser ponderados com mais atenção. A agência do chamado *producer* é bastante mais complexa do que o sugerem estes termos, canalizados para os princípios de produção em detrimento do consumo e do comprometimento participativo, por contraste à ideia de um recetor passivo dos estádios anteriores da cultura dos *media*. Antes de mais, é preciso ter em conta a multiplicidade de papéis desempenhados no ambiente dos *media*. Apesar das oportunidades trazidas pela nova lógica de produção e distribuição de conteúdos, vulgarmente representada pelas expressões *user-generated content* (UGC) ou *user-created content*, seria excessivo presumir que as tecnologias digitais transformam todos os internautas em doadores ativos. Podemos mesmo avançar, com base no que se pode observar no Flickr, que relativamente poucos estão a tomar partido destas recentes novidades pelo que se torna necessário sublinhar a existência de um “fosso contributivo” e de um “fosso de participação” (*participation divide*) para distinguir diversos níveis de envolvimento de modo a obter uma ideia menos redutora do que a participação e a contribuição significam. No Flickr, alguns membros são de facto “criadores ativos”, internautas que produzem e publicam fotografias na sua página e que acrescentam comentários ou *tags* com dados relevantes nas suas fotos e nas de outros membros da rede. Mas muitos outros são essencialmente “coletores”, ou até apenas “*joiners*”, juntando-se à rede, sem necessariamente contribuir com conteúdos (Hargittai e Walejko, 2008).

Uma outra restrição em atribuir envolvimento participativo e contributivo aos *producers* é que se está desta forma a negligenciar o papel substancial que a própria rede desempenha nas possibilidades de manobra dos internautas em geral. Pois mesmo que o conteúdo seja designado pela expressão “*user-generated-content*” (UGC), isso não significa que os utilizadores-produtores

de conteúdos tenham o pleno controlo sobre o que produzem e sobre o modo como esse conteúdo é disponibilizado e gerido (Galloway, 2004). Os *producers* poderão ter um potencial mais limitado do que se julgava, sendo de questionar se as redes tecnológicas oferecem margem suficiente para renegociar as relações com as empresas de *media*. Ainda a este respeito, é fulcral compreender que os *producers*, além de oferecerem conteúdos, estão também a facultar, ainda que por vezes involuntária e inconscientemente, dados sobre o seu perfil para os detentores do site e agregadores de metadados (Proulx, 2011).

Entretanto, muitas outras questões poderiam aqui colocar-se: por exemplo, dada a importância que a imagem tem vindo a assumir nos media e na publicidade, irão os mercados profissionais admitir que se instale uma estrutura de base poderosa consistindo em voluntários com reivindicações de autonomia criativa e de independência financeira? É esta troca dos flickerianos efetivamente gratuita e desprovida de ganhos monetários? Em relação à suposta natureza gratuita da rede, deve ser frisado que o Flickr não é um projeto sem fins lucrativos. Ao invés, o estímulo para tirar mais fotos pode relacionar-se com a cultura do consumo. O Flickr teria um papel na fetichização da tecnologia fotográfica, pois mais competências e maior estatuto remetem para a aquisição de equipamento mais caro e sofisticado (Cox, 2008), e instiga à aquisição de uma conta “pro”, remunerada. É igualmente importante não esquecer que, embora a maioria dos internautas enfatize a irrelevância do fator económico no exercício desta atividade, a rotina fotográfica e o investimento dos flickerianos na rede ocorrem sob condições em que se torna possível a conquista de uma visibilidade. Os flickerianos agem, por um lado, de acordo com uma motivação intrínseca que é indissociável da lógica do entre-si, da co-criação auto-organizada e não remunerada, uma atividade voluntária, um exercício de liberdade. Todavia, por outro lado, a visibilidade a que eles acedem e que por vezes conquistam constitui um recurso mensurável, acumulável, transmissível, que acarreta interesses e é convertível (Heinich, 2012). Casos existem em que a celebridade no Flickr se transforma em reconhecimento no seio do mundo das artes, com a rede a servir de rampa de lançamento para a realização de exposições, publicações em revistas especializadas e elaboração de livros. Alguns flickerianos referem assim ter ganho dinheiro com a sua produção fotográfica, mesmo que as recompensas

económicas recebidas pelos amadores não sejam equiparáveis àquelas que são auferidas pelos seus homólogos profissionais.

A agência dos utilizadores compreende, deste modo, não só a produção de conteúdos, mas também o comportamento de consumo e a geração de dados; qualquer consideração que sublinhe apenas a primeira destas funções estará a descurar a expressiva influência das empresas de novos media em condicionar a agência dos utilizadores. O poder de agência e a dádiva dos utilizadores na era dos *media* digitais não deve ser explicado a partir de uma perspetiva ou de um ângulo disciplinar exclusivista, mas exige um conceito multidimensional, na medida em que os aspetos sociais, culturais, económicos, tecnológicos e legais dos sites UGC estão inextricavelmente ligados (Dijck, 2009).

A troca como jogo sério

Quando os flickerianos fotografam e publicam as suas fotografias na rede Flickr, eles não estão a responder a nenhuma necessidade elementar, ainda menos a uma obrigação moral. Desde o momento primeiro em que vários *birdwatchers* se embrenham na aventura de admirar e descobrir elementos da natureza, passando pelo ato de fotografar e culminando na publicação das fotografias na rede, todo o agir destes flickerianos se anuncia e se desenrola como se de um jogo se tratasse. Não consideramos aqui o jogo numa aceção redutora de puro entretenimento, diversão e exaltação a título recreativo, ou enquanto forma degradada das atividades humanas. Se mobilizarmos a noção complexa de “jogo” que foi proposta por Huizinga (1951 [1938]) enquanto fenómeno cultural, inato ao homem e mesmo aos animais⁶ e enquanto “atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma

6. Sobre o jogo, ver também Roger Caillois (1958). Muito próximo de Huizinga, Caillois define o jogo como base de todas as culturas humanas, uma atividade séria que deve ser livre, separada, ou seja, circunscrita no tempo e no espaço, incerta, por não ser conhecida de antemão, improdutiva, regrada e fictícia, ao ser acompanhada de uma abolição temporária do “mundo habitual”.

consciência de ser diferente da vida quotidiana” (1951: 35), podemos conceber o Flickr como um baluarte de amadores motivados pela dinâmica do jogo. Trata-se, neste caso, do “jogo da fotografia”, como estrutura comum que oferece um “tempo ipsativo”, segundo a expressão de Dumazedier (*apud* Bromberger, 1998: 10).

A faceta do jogo no Flickr é inegável. Uma análise aprofundada do conteúdo dos atos destes indivíduos permite perceber no seu agir aspetos de puro jogo. Tal jogo possui o seu curso e o seu sentido em si. O Flickr revela o jogo como forma de atividade, como forma provida de sentido e como função social. Para reconhecer esses semblantes do jogo, impõe-se indagar o espírito dos jogadores; o flickeriano é movido sobretudo pela faculdade da percepção estética, mais concretamente, no que constituiu o objeto deste estudo, de observar a natureza e de a partilhar com os seus pares. Neste jogo, ele experimenta tensão, movimento, solenidade, entusiasmo e ordem. Também, o jogo revela-se indispensável pelo seu valor expressivo e pelos laços espirituais e sociais que cria. Ele é uma maneira de expressar aspetos de si mesmo que podem não ser facilmente exercidos na sociedade. A existência do jogo afirma de modo permanente, e no sentido mais elevado, o carácter supralógico da condição humana, que joga, e está consciente de jogar, o que faz com que ela vá para além da categoria de ser racional.

O jogo fotográfico no Flickr propicia uma aventura passional. Não se trata, contudo, de algo casual, como o que se encontra nos *snapshotters*⁷, que tiram esporadicamente algumas fotos para marcar eventos familiares (Bourdieu *et al*, 1965). Não obstante o desprendimento dos flickerianos face às noções de obrigação, tarefa, dever, um indício de que são jogadores, o jogo dos que são atraídos pela fotografia da natureza é jogado de um modo sério, duradouro, e baseado em competências substanciais, conhecimento ou experiência, quando não numa combinação dos três. Os flickerianos jogam a tirar milhares de fotos e vários são mesmo leitores ou subscritores de revistas fotográficas, embora se demarquem também dos profissionais. Este *ludens* não é coercivo nem meramente hedonista; o seu jogo é uma forma séria de representar uma certa interpretação

7. Para uma diferenciação entre os profissionais e os vários tipos de amadores ver Cox, Clough e Marlow (2008).

da vida e do mundo. Entram assim na categoria do “serious amateur”, para usar os termos das abordagens contemporâneas do lazer (Stebbins, 1992). A sua atividade abrange uma dimensão “tecno-poética”, habitada por uma orientação pró-ecológica. Mas todo e qualquer jogo tem regras, e o Flickr não é exceção. Na rede em geral e em vários grupos particulares, há regras que determinam o que se pode ou não fazer no quadro do mundo temporário traçado pelo jogo⁸, regras essas que não devem ser violadas, sob pena de o universo do jogo entrar em colapso. Nos limites do terreno de jogo reina uma ordem temporal específica, pelo que se pode dizer que o jogo cria ordem, que ele é ordem.

Vulgarmente, a ideia de jogo opõe-se à de sério. Todavia, esta antítese não é rigorosa. No grupo antitético jogo vs sério, os dois termos não se revelam equivalentes. O sério pára e esgota-se na negação do jogo; quando a vida social, individual e coletiva, conhece uma organização que se encontra submergida de noções, artifícios, conceitos, doutrinas e normas, em suma, quando ela vive num estado demasiado sério, de sistematização e disciplina, ela perde o contacto com o jogo. Assim, o sério é o não-jogo, e nada mais. Em contrapartida, o jogo é de uma ordem superior à do sério, ele é uma noção em si. O sério tende a excluir o jogo enquanto o jogo pode perfeitamente englobar o sério. Não obstante o desprendimento dos flickerianos face às noções de obrigação, tarefa, dever, um indício de que são jogadores, o seu jogo é jogado com seriedade, de um modo profundo, duradouro, e baseado em competências substanciais, conhecimento ou experiência, quando não numa combinação dos três. Admitindo este pressuposto, podemos afirmar que os flickerianos jogam um jogo sério, um jogo de contribuição. Observar a natureza, registá-la através do *pixel* da máquina fotográfica e partilhá-la na rede não proporciona apenas grandes aventuras. Enquanto o Flickeriano joga, ele está ao mesmo tempo a

8. Recorde-se o código seguido pelos observadores de aves, conhecido como o código do Birdwatcher ou do Faunawatcher, publicado na página do Grupo “Fauna – Fotos Não Intrusivas”. Segundo este código, o fotógrafo não deve provocar distúrbios nos animais e nos habitats, pois o interesse dos animais deve sempre ser colocado em 1º lugar. Esta máxima implica evitar uma grande aproximação dos animais, a qual poderia causar o abandono os ninhos ou dos locais onde têm as ninhadas, e a interdição de utilizar chamamentos durante a época de nidificação. Muitos outros grupos recusam terminantemente fotos de cativeiro, aceitando apenas fotos de animais em liberdade. O não respeito destas regras dita a expulsão do infrator do grupo.

fazer de cada grupo um arquivo digital de ecologia animal, onde se armazenam visões, se organiza e comunica uma grande quantidade de informação, se faz circular e torna facilmente acessível e disponível uma pluralidade de espécies e lugares a um grande número de utilizadores. Nesse arquivo preservam-se, sob a forma imagética, alguns vestígios da vida selvagem que se descobre em vários locais do mundo.

Os flickerianos jogam, mas, nos interstícios do lazer, eles também criam e distribuem conhecimento. A fotografia afirma-se como um rasto visual que, além de certificar, como já arguimos, a existência de um fotógrafo, atestando que ele esteve algures e que demonstrou competência, persistência, astúcia e uma “criatividade vernacular” (Burgess, 2006) para conseguir certos registos, é também prova⁹ do avistamento de uma ave em determinado espaço. Em articulação com a possibilidade de *geotagging* oferecida pela plataforma, a fotografia permite fazer um mapeamento das espécies vistas em determinada região. Reportar a natureza através das representações fotográficas é, no fundo, uma forma de pôr à disposição do coletivo um conjunto de saberes e de informações e de ampliar o sentido do real. Este grupo do Flickr tem uma ação que pode ser correlacionada com a que ocorre na rede francófona de botânica – a TeleBotânica (ver o artigo de Heaton e Proulx neste número especial; e também Heaton e Proulx, 2012; Heaton *et al.*, 2011).

No entanto, convém matizar que a imagem fotográfica, ao ser digitalizada, radical e transversalmente mediatizada, mediante um processo de descorporização, não é isenta de uma contingência de reificação, em que os conteúdos digitais, neste caso a fotografia, completamente desligada do seu suporte físico, passa a ser percebida e tratada como entidade de facto. Esta reificação pode implicar a sujeição da fotografia a um processo de mercantilização (Furtado, 2012) e acarreta consequências na forma como percebemos a natureza, já que a fotografia, apesar de ser testemunho, documento, celebração, revelação, capaz de estimular a consciência da ação humana no mundo, é ao mesmo tempo “velação”. Ela contém um elemento de distanciamento face à realidade,

9. Sobre o valor da fotografia como prova, pensemos também no campo do direito, pois nos tribunais a imagem, antes de ser substituída pela impressão digital, era, por exemplo, usada para pensar a aparência parental.

encerrando a possibilidade de criar simples adoradores de imagens do mundo selvagem e de alimentar nas gerações vindouras uma mera nostalgia e visão romântica da natureza.

O jogo fotográfico não se circunscreve ao momento do registo fotográfico *tout court*. Ele desenrola-se, literalmente, desde um ponto inaugural até ao fim. Ao longo de todo este jogo, os flickerianos conversam com fotos e jogam a fazer falar as fotos. O próprio Flickr é composto por alguns grupos onde os membros podem participar de várias brincadeiras, como duelos ou concursos semanais, porquanto um ponto essencial em todos os jogos é a vitória. Ganhar é manifestar a sua superioridade, pelo jogo, permitindo ao vencedor assegurar a sua reputação *vis-a-vis* de outros. Antes de publicar as fotos na rede, muitos flickerianos, tomados por uma pretensão mais artística, selecionam criteriosamente as fotos com mais acuidade estética para publicar na rede, e jogam a melhorar, *a posteriori*, a sua técnica, através de programas de edição como o *Photoshop*. Este flickeriano concretiza um novo tipo de fotógrafo, que Miller e Edwards (2007) apelidaram de “Snaps”. Os Snaps entrevistados manifestam a preocupação em manter uma postura de honestidade intelectual e de respeito para com o valor histórico-natural das suas fotografias, rejeitando categoricamente qualquer forma de manipulação, pelo que os acertos na edição se limitam a ajustes por eles considerados básicos e não destrutivos da “verdade” do registo original. Eles demonstram o cuidado não só de editar as suas fotos como também de organizar os seus álbuns, elegendo por vezes uma estratégia de organização cronológica, mediante uma estrutura de ficheiros que apresenta várias pastas na ordem do mais antigo para o mais recente. Eles usam ainda o serviço Web para adicionar *tags* às suas fotos, vendo no *tagging* um ato social fundamentalmente usado para benefício do coletivo no Flickr.

Notas finais

Na rede Flickr, o agir do flickeriano denota simultaneamente um renovado interesse pelo mundo natural e uma cultura de amor à fotografia digital da natureza. Ele é ainda tomado pelo gosto comum de vínculo pelo (e ao) virtual,

pois a um trabalho de campo que subentende várias horas de espera, e por vezes dias de esconderijo para conseguir fotografar um instante irrepetível, segue-se um processo demorado, passado frente ao ecrã, de descarregamento para o computador, de seleção, edição e *upload* para a rede Flickr. Aos poucos, gera-se uma sinergia em que os membros do Flickr se harmonizam na partilha mútua de pelo menos uma parte da sua produção fotográfica.

Com a popularidade das recentes redes sociais digitais, como o Flickr, a produção amadora tornou-se um fenómeno mais difuso, permitindo o estabelecimento de novas práticas empíricas que envolvem pessoas de todos os âmbitos sociais no estudo da natureza e dando-lhes a possibilidade de partilhar os seus conteúdos e com eles dar a conhecer um saber que outros internautas podem aprender. A rede surge como contexto e oportunidade que facilita aos indivíduos o ato de tornar públicos os seus interesses e aos grupos o poder de articular a motivação amadora e uma ação vasta e coordenada, completamente aberta à novidade. Reportar a natureza através das representações fotográficas é, no fundo, uma forma, lúdica, sem dúvida, mas igualmente séria, de pôr à disposição do coletivo um conjunto de saberes e de informações. Emerge assim uma nova figura que poderíamos cunhar como o naturalista digital contribuidor.

A contribuição permite pensar a ambivalência que encerram as tecnologias da informação e da comunicação (TIC). Se por um lado, elas abrem novas possibilidades de negócio graças à livre circulação transfronteiriça dos dados financeiros e comerciais (Mattelart, 2000; Martins e Garcia, 2003), por outro lado, a par da lógica mercantil dominante, essas mesmas tecnologias potenciam a partilha e redistribuição generalizada de bens digitais, por natureza abertos, não-exclusivos e não-rivais, favorecendo a irrupção de uma outra lógica: a do *Open Source*, *Open Content*, *Open Access*. Elas prefiguram assim uma outra “cultura económica”, orientada para princípios morais, que valorizam a importância de atitudes altruístas como a “compaixão” e o “comprometimento”, na esteira do que tem sido pugnado por Amartya Sen (2008; 2009), na sua crítica à exclusividade da motivação racional utilitária e à unidade individualista de análise. Ao invés, em redes como o Flickr, desenvolve-se uma atividade-para-si-para-o-outro, na qual se alicerça uma dinâmica de permuta difusa, erguendo uma lógica que alia liberdade, satisfação própria e sociabilidade.

Procurámos mostrar como o processo social de compartilhar no meio digital dos flickerianos que fotografam e publicam fotografias da natureza pode ser pensada no quadro do jogo. Todavia, não é destituído de sentido uma interrogação sobre o futuro desta rede, uma ponderação sobre a possibilidade de a qualquer momento, o jogo poder ser diferido ou suprimido. Vale a pena recordar que a prevalência do jogo como fator central nas práticas que têm lugar na rede Flickr permite entender a cisão entre o profissional e o amador. A equipa do jogo distingue aqueles para quem o jogo não é mais um jogo, e aqueles que, mesmo apesar de capacidades superiores, ocupam uma situação social inferior, *vis-à-vis* dos verdadeiros jogadores. O amador joga, de facto, pois o espírito e o clima do jogo são os de uma exaltação feliz. Mas o comportamento do profissional, marcado já não por uma serenidade ditosa mas por uma febre histérica, não é mais o do jogo. Quando o jogo se torna demasiado sério, o estado de alma lúdico praticamente desaparece.

Futuramente, poderá – sugerimos - acontecer que a pertença ao Flickr, ao cristalizar-se, ao tornar-se uma prática instituída, quase-profissional, fragilize os fundamentos lúdicos que têm vindo a orientar a prática dos amadores. À medida que o material da cultura se torna mais díspar, mais amplo, e que a técnica de produção e de vida individual e coletiva conhece uma organização mais complexa, o fundamento de uma sociedade passa a encontrar-se submergido de noções, sistemas, conceitos, doutrinas e de normas, de artifícios, costumes, que podem debilitar o contacto com o jogo. Esta sistematização e disciplina crescentes do jogo vão, a longo prazo, suprimir alguma coisa do puro teor lúdico. A cultura torna-se cada vez mais séria, e atribui apenas ao jogo um papel acessório.

Quando o jogo se torna função de cultura, as noções de obrigação, tarefa, dever passam a encontrar-se aí associadas. Paralelamente, o prazer de observar a natureza, brincar com o aparelho fotográfico e colaborar na montagem do enorme arquivo digital ver-se-iam nesse contexto cada vez mais pervertidos, tornando-se então o Flickr num lugar sério, movido pelo interesse e pela necessidade, e onde os indivíduos, ao invés de estarem no Flickr por fotografarem, passariam a fotografar por estarem no Flickr. Uma tal apropriação do espaço do jogo é conducente à alteração do próprio conceito de jogo. Este converte-se numa extensão do real ou altera a nossa percepção do real, como tem sido discutido

em torno das transformações nos videogames. Assim, durante a permanência no Flickr, os utilizadores impor-se-iam limitações temáticas cada vez mais exigentes que iriam, progressivamente, conduzi-los a olhar o mundo pensando nas capturas que eles poderiam fazer para nutrir o grupo Flickr de que são membros, originando-se deste modo uma certa estetização da vida quotidiana. Parece que um dos efeitos da conversação das fotografias nos grupos de limitação temática pode ser o de obrigar os membros a ter um olhar diferente no seu quotidiano, para fazer dele um ambiente a fotografar para tal ou tal grupo. De uma “superfície” concreta, a fotografia ver-se-ia, fruto da capacidade de abstração intelectual e da seriedade com que se desenrola a atividade, progressivamente imbuída do estatuto de “puro símbolo”. Chegando a um ponto em que o valor atinge a sua autonomia na fotografia, operando-se, com essa autonomização da fotografia, a sua inversão de meio em fim.

Referências

- Aguiton, C. e Cardon, D. (2007). The Strength of Weak Cooperation: an Attempt to Understand the Meaning of Web 2.0. *Communication and Strategies*, 65 (1): 51-65, <http://mpira.ub.uni-muenchen.de/4581/>, acedido em 9 outubro 2011.
- Benkler, Y. (2006). *The Wealth of Networks – How Social Production Transforms Markets and Freedom*. New Haven e Londres: Yale University Press.
- Beraud, P. e Cormerais, F. (2011). Économie de la Contribution et Innovation Sociétale. *Cahiers de l'Economie et de l'Innovation*, 34 (1): 163-183.
- Bourdieu, Pierre et al. (1965). *Un Art Moyen: Essai sur les Usages Sociaux de la Photographie*. Paris : Minuit.

- Bromberger, C. (1998). *Passions Ordinaires, du Match de Football au Concours de Dictée*. Paris: Bayard Éditions.
- Bruns, A. (2008). *Blogs, Wikipedia, Second Life and Beyond. From Production to Prodisage*. Nova Iorque : Peter Lang.
- Caillé, A. (2007). *Antropologie du don: le tiers paradigme*. Paris: La Découverte.
- Caillois, R. (1958). *Les Jeux et les Hommes : le Masque et Vertige*. Paris: Gallimard.
- Cox, A. M., Clough, P. D. e Marlow, J. (2008). Flickr: a First Look at User Behaviour in the Context of Photography as Serious Leisure. *Information Research*, 13 (1), <http://InformationR.net/ir/13-1/paper336.html>, acessado em 25 outubro 2011.
- Cox, A. M. (2008). Flickr: a Case Study of Web 2.0. *Aslib Proceedings*, 60 (5): 493-516.
- Dijck, J. (2009). Users Like You: Theorizing Agency in User-Generated Content. *Media, Culture and Society*, 31 (1): 41-58.
- Flichy, P. (2004). L'Individualisme connecté entre la technique numérique et la société. *Réseaux*, 124 (22): 17-51.
- Furtado, J. A. (2012). *Uma cultura da Informação para o Universo Digital*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Galloway, A.R. (2004). *Protocol: How Control Exists after Decentralization*. Cambridge, MA: MIT Press.

- Gouldner, A. W (2008). Pourquoi Donner Quelque Chose Contre Rien. *Revue du Mauss – L'Amour des Autres, Care, Compassion et Humanitarisme*, 32 (2): 47-68.
- Gulbrandsen, T. e Just, S. (2011). The Collaborative Paradigm: Towards an Invitational and Participatory Concept of Online Communication. *Media, Culture and Society*, 33 (7): 1095-1108.
- Hargittai, E. e Walejko, G. (2008). The Participation Divide: Content Creation and Sharing in the Digital Age. *Information, Communication & Society*, 11 (2): 239 – 256.
- Heinich, N. (2012). *De la Visibilité: Excellence et Singularité en Régime Médiatique*. Paris: Gallimard.
- Huizinga, J. (1951 [1938]). *Homo Ludens: Essai sur la Fonction Sociale du Jeu*. Paris : Gallimard.
- Heaton, L., Millerand, F., Crespel, E. e Proulx, S. (2011). La réactualisation de la contribution amateur à la botanique: le collectif en ligne Tela Botanica. *Terrains et travaux*, 18: 155-173.
- Heaton, L. e Proulx, S. (2012). La construction locale d'une base transnationale de données en botanique: une mise en lumière du travail invisible des «petites mains». *Revue de l'Anthropologie des connaissances*, 6(1): 141-162.
- Hine, C. (2001). *Virtual Ethnography*. Londres: Sage.
- Leadbeater, C. (2009). *We-think*. Londres: Profile Books.

- Martins, H. e Garcia, J. L. (2013). Web. Em J.L. Cardoso, P. Magalhães e J. M. Pais (org.), *Portugal social de A a Z, temas em aberto* (pp. 285-293). Lisboa: Expresso / ICS.
- Marques, R. (2002). *As dádivas de Medeia: por uma teoria das formas de reciprocidade*. Tese de Doutoramento. Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Economia e Gestão.
- Mattelart, A. (2000). *História da Utopia Planetária – da Cidade Profética à Sociedade Global*. Lisboa: Bizâncio.
- Mauss, M. (1973 [1925]). *Essai sur le don: Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques*. PUF: Collection Quadrige.
- Miller, D. e Slater, D. (2000). *The Internet: An Ethnographic Approach*. Oxford: Berg.
- Miller, A. D. e Edwards, W. K. (2007). Give and Take: a Study of Consumer Photo-Sharing Culture and Practice. *Atas da Conferência do Special Interest Group on Computer Human Interaction (SIGCHI), Human Factors in Computing Systems*, ACM Press, San José, California, pp. 347–356. <http://www.cc.gatech.edu/~keith/pubs/chi2007-photosharing.pdf>, acedido em 26 novembro 2011.
- Proulx, S. *et al.* (2011). Paradoxical Empowerment of Producers in the Context of Informational Capitalism. *New Review of Hypermedia and Multimedia*, 17 (1): 9-29.
- Sen, A. (2009). *The Idea of Justice*. Cambridge, MA: Belknap Press of Harvard University Press.
- Sen, A. (2008). *On ethics and economics*. Oxford: Wiley-Blackwell.

Shirky, C. (2010). *Cognitive Surplus: Creativity and Generosity in a Connected Age*. Nova Iorque: Penguin Books.

Spadaro, A. (2012). *Cyberteologia – Pensare il Cristianesimo al tempo della rete*. Milão: Vita e Pensiero.

Stebbins, R. A. (1992). *Amateurs, Professionals and Serious Leisure*. Montréal: McGill-Queens University Press.

Stiegler, B., Giffard, A. e Fauré, C. (2009). *Pour en Finir avec la Mécroissance*. Paris: Flammarion.

Surowiecki, J. (2005). *The Wisdom of Crowds*. Nova Iorque: Anchor Books.

Tapscott, D. e Williams, A.D. (2007). *Wikinomics: How Mass Collaboration Changes Everything*. Nova Iorque: Penguin.

Veblen, T. (1998 [1899]). *The Theory of the Leisure Class*. Nova Iorque: Prometheus Books.